

Abandono do Desejo Abre a Porta Para a Bem-Aventuraça?



A primeira nobre verdade da filosofia budista afirma que a vida inclui *Dukkha*, dor, desconforto, insatisfação.

O que fazer diante deste fato?

O desejo pessoal tem ação estimulante e funciona como um anestésico diante de *Dukkha*. A anestesia pode ser útil, mas tem pouca ou nenhuma eficiência em si mesma. O desejo de ordem pessoal traz consigo a fantasia da sua satisfação e ignora a diferença entre felicidade e satisfação passageira. Esta ilusão é suficiente para que o indivíduo deixe de lado por um momento a visão da sua dor pessoal. Porém, o desejo egoísta não passa de uma miragem no deserto, e desorienta mais do que ajuda.

A luta do desejo contra a dor é frequentemente o combate entre duas formas de ilusão. No longo prazo, os dois fatores fortalecem e estimulam um ao outro. A menos que predomine no desejo aquilo que é nobre e impessoal.

O desejo de ordem inferior tem a mesma substância do sofrimento. O indivíduo está insatisfeito por ainda não ter obtido algo, e depois sofre com antecipação por medo de perder o que conquistou. Um olhar sóbrio mostrará que a dor e o prazer pessoais são passageiros. São impermanentes, e de certo modo ilusórios.

É através do desejo impessoal, ou compaixão, que atingimos a bem-aventurança.

Quando predomina o desejo altruísta, a bênção pode vir até o eu inferior do indivíduo. A existência “pessoal” se perde então na felicidade profunda, enquanto o indivíduo preserva um agudo e rigoroso discernimento em relação a obstáculos visíveis e invisíveis.

Uma Alavanca Para Mover o Mundo



Num modelo civilizatório em que se luta por impor ideologias e objetos de consumo aos outros, em que se tenta por via da força exercer uma “superioridade” em relação aos mais fracos, vale lembrar as seguintes palavras de Helena Blavatsky:

“... A raiz de toda a natureza, objetiva e subjetiva, e de tudo o mais no universo, visível e invisível, *é, foi e será sempre* uma essência absoluta, de onde tudo começa, e à qual tudo retorna.” [1]

É certo que na marcha evolutiva seguimos adiante por ritmos diferentes. Uns estão mais adiantados do que os outros. No entanto, a caminhada não é linear e caminhamos todos juntos. Ninguém segue sozinho. Cada ser é um raio da luz eterna e leva em seu interior a humanidade inteira. Sempre que um se adianta, faz com que todos os outros avancem. Sempre que um de nós se pacifica, a harmonia geral é reforçada. Somos responsáveis pela própria vida e pelo mundo. Não nos cabe tentar manipular os outros. O comando que devemos ter é interno. Fazendo apenas aquilo que depende de nós, realizamos a tarefa evolutiva.

As aparências são ilusórias. Como posso ajudar a humanidade fazendo apenas o que depende de mim? Helena Blavatsky escreveu:

“... A forma primordial de tudo o que é manifestado, desde um átomo a um globo, desde um ser humano até um anjo, é esferoidal. Em todas as nações, a esfera tem sido o símbolo da eternidade e da infinitude (...). Ela é o círculo simbólico de Pascal e dos Cabalistas, ‘cujo centro está em toda parte, e cuja circunferência não está em parte alguma’ (...).” [2]

Agindo a partir do centro interno alcançamos a esfera nas suas diferentes dimensões. O texto “O Centro do Círculo de Pascal”, de Carlos Cardoso Aveline, diz:

“O centro do universo está em todas as partes. Portanto, ele está em cada cidadão. Todo indivíduo dotado de boa vontade tem, em si mesmo, a alavanca capaz de mover o mundo.” [3]

Focando a atenção no centro da vida e ouvindo a alma imortal, acabamos por conduzir a nossa vida da forma como ela deve ser dirigida, com a energia sábia, altruísta e universal.

(Joana Maria Pinho)

NOTAS:

[1] Reproduzido de “A Chave da Teosofia-3”, de Helena P. Blavatsky, texto disponível em www.FilosofiaEsoterica.com.

[2] Palavras de HPB citadas no artigo “O Centro do Círculo de Pascal”, de Carlos Cardoso Aveline. Veja www.FilosofiaEsoterica.com.

[3] Do texto “O Centro do Círculo de Pascal”.

O Poder Mágico de Uma Pedra

Antiga Lenda Hindu Associa a Safira à Autopurificação

Helena P. Blavatsky



O acentuado respeito dedicado pelos budistas à safira - que também era consagrada à Lua em todas as outras regiões - talvez seja baseado em algo mais cientificamente exato do que uma mera superstição infundada. Eles lhe atribuíram um poder mágico sagrado, que todo estudioso do mesmerismo psicológico compreenderá facilmente, pois a sua superfície polida e azul-escuro produz extraordinários fenômenos sonambúlicos.

A influência variada das cores prismáticas sobre o crescimento da vegetação, e especialmente a do “raio azul”, só foi reconhecida recentemente. Os acadêmicos brigavam sobre o poder aquecedor desigual dos raios prismáticos até que uma série de demonstrações experimentais, feitas pelo Gen. Pleasonton, veio provar que, sob a influência do raio azul, o mais elétrico de todos, o crescimento animal e vegetal aumentava numa proporção verdadeiramente mágica. Assim, as investigações de Amoretti sobre a polaridade elétrica das pedras preciosas mostraram que o diamante, a granada [1] e a ametista são eletronegativos, ao passo que a safira é eletropositiva. Podemos, então, mostrar que os recentes experimentos da Ciência apenas corroboram aquilo que era conhecido dos hindus antes que qualquer uma das modernas academias fosse fundada.

Uma velha lenda hindu diz que *Brahma-Prajapati*, enamorando-se de sua própria filha *Ushas* (o Céu, às vezes também a Aurora), assumiu a forma de um cervo (*rishia*) e *Ushas*, a de uma corça (*rohit*), e assim cometeram o primeiro pecado. Ao ver tal profanação, os deuses tanto se aterrorizaram, que, unificando os seus corpos mais assustadores - cada deus possuía tantos corpos quantos desejasse -, eles produziram Bhutavan (o espírito do mal), que foi criado por eles com a intenção de destruir a *encarnação* do primeiro pecado cometido por Brahma. Ao vê-lo, *Brahma-Hiranyagarbha* arrependeu-se amargamente e começou a repetir os mantras, ou preces de purificação, e, em sua dor, verteu sobre a Terra uma lágrima, a *mais quente* que jamais saíra dos seus olhos; e dela se formou a primeira safira.

Esta lenda, meio sagrada, meio popular, mostra que os hindus sabiam qual era a mais elétrica de todas as cores prismáticas; além disso, a influência particular da safira estava tão bem definida quanto a de todos os outros minerais. Orfeu ensina como é possível afetar toda uma plateia por meio de uma magnetita; Pitágoras dedica atenção especial à cor e à natureza das pedras preciosas; ao passo que Apolônio de Tiana comunica aos seus discípulos as virtudes secretas de cada uma delas e troca a cada dia de anel, usando uma pedra particular para cada dia do mês e de acordo com as leis da Astrologia judiciária.[2]

Os budistas afirmam que a safira produz paz de espírito, equanimidade; afugenta todos os pensamentos maus, estabelecendo uma circulação sadia no homem. Uma bateria elétrica faz a mesma coisa, com o seu fluído bem dirigido, dizem os nossos eletricitas. “A Safira”, dizem os budistas, “abrirá portas e casas fechadas [ao espírito do homem]; produz o desejo da prece e traz consigo mais paz do que qualquer outra gema; mas aquele que a usar deve levar uma vida pura e santa.”

[O texto acima é reproduzido da obra “Ísis Sem Véu”, de Helena P. Blavatsky, Ed. Pensamento, SP, volume I, pp. 316 e 317.]

NOTAS:

[1] Granada, do latim “granatus”, é o nome geral de um grupo de minerais. Algumas variedades de granadas são consideradas pedras preciosas. (CCA)

[2] A antiga *astrologia judiciária* ou *judicial* é conhecida hoje como *astrologia mundana*. Trata-se da astrologia que estuda as influências celestes sobre nações, coletividades, movimentos culturais e questões mundiais. (Veja “Enciclopédia de Astrologia”, James R. Lewis) (CCA)

A Prática Correta Liberta da Paralisia



Embora seja popular em certos círculos “esotéricos”, a “paralisia mística da alma” produzida pelo quietismo é pior que inútil.

A pseudocontemplação “sem escolhas” expande problemas como a ignorância espiritual e a falta de um sentimento ético. Cada estudante de teosofia deve testar a sua vontade espiritual em ações altruísticas diárias. Deve observar os resultados práticos, anotar lições a aprender, e tentar outra vez com uma atitude de longo prazo.

Ciclo de Sete Dias: O Sistema Solar Explica a Semana



O sistema solar é uma Roda da Vida. Ele consiste de um aglomerado de ritmos muito diferentes entre si. Cada planeta tem seu próprio tempo. Dentro da nossa pequena comunidade terrestre, cada espécie viva tem seus ciclos e um ponto de vista específico para olhar o tempo.

Em nosso calendário atual, o domingo é dedicado ao centro do círculo mágico de órbitas planetárias. O primeiro dia da semana é o dia do Sol, da luz e da força, assim no plano físico como no plano espiritual.

Astro-Rei Define o Padrão da Semana

Associado à cor amarela ou laranja, o Sol simboliza o centro da vida e representa o nosso verdadeiro eu. O metal que lhe corresponde é o ouro. Regente do signo de Leão, ele é uma fonte de coragem, confiança e harmonia, e está relacionado com a alma imortal.

Ao abrir a semana, o sol define em seu dia o padrão vibratório do ciclo todo. O indivíduo atento inaugura a semana com uma atitude correta e ações adequadas. Ele visualiza desde o início este período como um conjunto. Há muitos tipos de descanso, e a preguiça é algo a ser evitado: no repouso do domingo, devemos levar em conta os seis dias que virão, e prepará-los.

A Lua Coloca a Vulnerabilidade



O segundo dia é dedicado à Lua e se relaciona com o plano emocional.

Esotericamente, o nosso satélite orienta Linga Sharira, o “corpo sutil” do ser humano. Este é o terceiro dos sete princípios da consciência, e inclui o DNA, as tendências hereditárias e a herança cármica de vidas passadas no que tange ao corpo físico. Regente do signo de Câncer, a Lua coloca na agenda o aspecto vulnerável do ser, a autoentrega, a devoção, o sofrimento, mas também a necessidade de vencer a preguiça.

O metal correspondente é a prata, e a cor, violeta. Segunda-feira é um dia adequado para evitar a indulgência, cuidar da saúde e apostar nas emoções saudáveis. Cabe fortalecer as bases da energia vital e do bem-estar.

Marte Chama à Luta



A terça-feira é o dia de Marte. O terceiro dia é indicado para ir à luta, agir pioneiramente e romper o marasmo.

A cor que lhe corresponde é vermelho, e o metal, o ferro. Marte é regente do signo de Áries. O nível de consciência mais característico é Kama-rupa, o quarto princípio, que organiza os sentimentos e pensamentos no plano do mundo externo e da ação prática.

Kama-rupa é o centro que organiza os instintos animais. Em teosofia, os sentimentos de ordem pessoal merecem respeito, mas devem estar conscientemente colocados a serviço de um projeto altruísta. O guerreiro da sabedoria age com coragem e altruísmo, e esse é um padrão astral típico da terça-feira, para as pessoas de boa vontade.

Mercúrio Ativa a Comunicação



Quarta-feira, o quarto dia, é o momento de Mercúrio, o mensageiro dos céus.

Mercúrio é o planeta-regente de dois signos zodiacais: Gêmeos e Virgo. A sua cor correspondente é amarelo. O metal é mercúrio. Ele é o mensageiro do Sol e nunca se afasta da estrela do nosso sistema.

O nível de consciência que mais interage com Mercúrio é Buddhi, o sexto princípio ou alma espiritual. O planeta está esotericamente ligado a Buddha. A quarta-feira evoca a sabedoria sagrada, a flexibilidade, as comunicações, a transcendência, a compaixão, e a cura. No dia de Mercúrio, assim como em todas as atividades mentais, deve-se evitar que os pensamentos sejam dirigidos ou sequestrados por sentimentos inferiores. Cabe fazer com que eles cumpram o papel de “mensageiros do sol”, o verdadeiro eu.

Júpiter Estimula a Ação Decisiva



A quinta-feira é o dia de Thor, Jovis (ou Jove), o rei dos deuses.

O quinto dia da semana é dedicado ao planeta Júpiter, regente do signo de Sagitário e - ao lado de Netuno - o corregente de Peixes. O amor universal, a filosofia profunda e outros sentimentos expansivos da alma humana podem encontrar uma atmosfera estimulante na quinta-feira.

O “envelope áurico” da consciência individual (o nível mais elevado da aura humana) tem uma relação especial com este planeta e este dia.

Sua cor é azul. Seu metal, o estanho. É um dia “yang”, assim como o domingo e a terça. Uma ação firme e decisiva é frequentemente apropriada na quinta-feira, porque neste dia o propósito de cada um tende a estar mais claro e mais universal. Cabe vigiar e garantir que a meta é nobre e aquilo que se expande é bom.

Vênus Conecta Sonho e Realidade



Sexta-feira, o sexto dia, corresponde a Vênus, a “estrela d’alva” que é também a “estrela vespertina” e a “irmã mais velha” da nossa Terra.

Regente dos signos de Libra e Touro, Vênus ensina a beleza interior e a perseverança. O planeta nos ajuda a viver nossos ideais na vida diária. Dele aprendemos a conectar o sonho e a realidade: a sua influência estimula o aspecto superior de mente humana.

Helena P. Blavatsky abre o seu artigo sobre Vênus com estas palavras:

“Nenhuma estrela, entre as incontáveis miríades que iluminam os campos siderais do céu noturno, brilha tão deslumbrantemente como Vênus (...). Vênus é a rainha entre os nossos planetas. Ela inspira os poetas e é a guardiã e a companheira do pastor solitário, a adorável estrela da manhã e do anoitecer.” [1]

O cobre é o metal que corresponde a Vênus. Esotericamente, sua cor é o índigo ou azul escuro.

Penúltimo dia da semana, a sexta-feira nos abre a possibilidade de sermos mais intensos e eficazes em nosso trabalho, e de fazermos com que os nossos esforços tenham seu ponto mais alto, antes que o sábado conclua o ciclo semanal.

O Mestre Saturno Fecha o Ciclo



O sétimo dia é dedicado ao Senhor dos Aneis. Saturno, o Mestre do Tempo, representa a Lei do Carma e da Justiça. É também o regente do signo de Capricórnio e corregente de Aquário.[2] O metal que lhe corresponde é o chumbo, e a cor, verde.

O sábado é muito mais que um dia de descanso. O dia de Saturno não é uma oportunidade propícia para jogar tempo fora. Ao contrário. Este dia nos convida a uma avaliação interna: cabe encontrar o ponto ótimo da experiência acumulada nos dias anteriores, e para os próximos dias. O modo como fechamos um ciclo está ligado ao modo como viveremos o ciclo seguinte. Saturno é o mestre da responsabilidade e o seu dia deve ser uma jornada que inclui o trabalho interior e reflexão sobre o que passou e o que acontecerá.

NOTAS:

[1] Veja o artigo “The History of a Planet: Venus”, de H. P. Blavatsky. Ele está disponível em www.FilosofiaEsoterica.com e seus website associados de língua inglesa. Entre eles, www.HelenaBlavatsky.Org.

[2] Leia “O Lado Luminoso de Saturno”, de Carlos Cardoso Aveline. O artigo está publicado em nossos websites associados.

000

O Aspecto Oculto da Manifestação

A ideia de “manifestar” alguma coisa, ou tornar algo visível, significa também e necessariamente “ocultar” e deixar de lado a sua essência indescritível. A natureza interna da realidade deve ser percebida em um silêncio sem palavras, sobre a base das indicações dadas através de palavras e outras evidências que possamos ter reunido.[1] Esta lei oculta opera na manifestação dos mundos, no surgimento dos globos e na reencarnação das almas espirituais. Está presente no nascer diário do sol, e regula cada ciclo de vida ao longo do universo.

NOTA:

[1] Em teosofia, o tipo certo de silêncio é produzido pelo equilíbrio e pela harmonia complementar entre os diferentes pontos de vista, uma vez que eles sejam pelo menos parcialmente verdadeiros. Mas cada ilusão deve ser destruída pela boa lei do carma, antes que o coração do peregrino alcance um vislumbre durável da verdade.

A Aproximação da Bênção



A paz interior brota no momento em que aceitamos a vida com todas as suas aparentes imperfeições. Epicteto ensinou:

“Não tente fazer com que as coisas ocorram conforme você deseja; mas deseje que as coisas ocorram como elas são de fato. Assim você terá uma vida tranquila.” [1]

Ao desejarmos que tudo ocorra como realmente deve ser, agradável ou não para o eu pessoal, entramos em sintonia com a lei universal da justiça e com a energia do eu superior.

Em vez de nos lamentarmos pelo que não possuímos, sejamos gratos por tudo aquilo que somos. Em vez de deslocarmos o olhar para o mundo exterior, foquemos a atenção no ser interno. Dele nos chegam a sabedoria e o contentamento. Sofrer é parte da realidade, mas o exagero do sofrimento só é um destino para aqueles que se afastam do autoconhecimento. Epicteto afirmou:

“Um homem mal-instruído culpa os outros por seu sofrimento. Um homem que já começou sua instrução culpa a si mesmo. E um homem cuja instrução está completa não culpa nem os outros, nem a si mesmo.” [2]

À medida que o ser humano se conhecer a si mesmo e limitar suas ações à esfera que lhe diz respeito ele se aproximará da bênção eterna.

(JMP)

NOTAS:

[1] Palavras citadas na obra “Conversas na Biblioteca”, de Carlos Cardoso Aveline, Edifurb, Blumenau, SC, Brasil, 2007, 169 pp., p. 37.

[2] Reproduzido de “Conversas na Biblioteca”, de Carlos Cardoso Aveline, obra citada, p. 37.

A Alegria de Servir

A Natureza Inferior Existe Para Servir a Alma



O peregrino que aspira entrar num plano mais elevado da existência, na dimensão sábia e luminosa da vida, tem de se tornar ele mesmo um novo ser humano.

A realidade divina é vista apenas por aqueles que desenvolvem o olhar capaz de a perceber. Essa visão não é física, ela pertence à alma e chega através do coração. Para entrar no mundo divino, o peregrino tem de deixar para trás a pele velha do egoísmo. Esse processo pode ser longo e doloroso. Porém, vivendo com desapego e confiança virá até ele o contentamento.

As amarras da ignorância não nos são colocadas à força. Há uma dimensão em nós que quer ficar presa, mas o verdadeiro eu, a alma imortal, existe livre e o ser humano é feito para voar.

“O Dhammapada” ensina:

“Erga o seu pequeno eu pelo seu eu superior, examine o seu pequeno eu do ponto de vista do eu superior. Assim, autovigilante e atento, você viverá com felicidade, ó bhikkhu [Discípulo]. O eu superior é o senhor do eu inferior; o eu superior é o refúgio do eu inferior; portanto, domine a si mesmo assim como um comerciante domina um ótimo cavalo.” [1]

A natureza inferior existe para servir a alma. Ela se rebela apenas quando descuidamos do nosso dever de educadores. A tarefa não está em usar a violência para exercer domínio. Aquele que tem seu cavalo como amigo e fiel servidor cuida dele amorosamente. As forças usadas para lhe impor limites são a inteligência, a vontade, o rigor e o respeito. Dessa forma, a natureza inferior coopera e conhece a alegria e a gratidão de servir.

Aspirar ao discipulado é tentar percorrer o caminho do autoconhecimento e do autocontrole. Essas são as ferramentas que permitem mergulhar no ser interno e resgatar para este mundo a luz que nunca se apaga. Podemos ler em “O Dhammapada”:

“O sol brilha de dia; a lua brilha de noite. O guerreiro (Kshatriya) resplandece em sua armadura; o brâmane brilha em sua meditação. Mas o Buddha brilha dia e noite, irradiando sua glória.”[2]

A Terra é uma escola. Aspirar à sabedoria é a ferramenta que faz a humanidade crescer e avançar. Tornar o ser humano uma força gloriosa que irradia a compaixão é uma das metas do nosso planeta.

(JMP)

NOTAS:

[1] “O Dhammapada”, edição online de www.FilosofiaEsoterica.com, capítulo vinte e cinco.

[2] “O Dhammapada”, edição online, capítulo vinte e seis.

000

Ideias ao Longo do Caminho

Observando a Presença do Sagrado na Vida Cotidiana



* O autorrespeito permite estabilidade, e você precisa uma base firme se quiser observar o céu infinito.

* Uma consciência dispersa é estreita. A correta concentração da mente amplia os horizontes, e também os purifica, e eleva.

* O mundo da alma tem uma atmosfera própria, na qual o coração e a mente altruístas enxergam com clareza.

* Uma cortesia sincera e espontânea para com todos contém em si a substância da fraternidade universal.

- * Uma compreensão profunda produz desapego, ao mesmo tempo que fortalece a afinidade interior.
- * Pense o melhor, faça o melhor, e nunca se afaste da voz mais sábia que alguém pode escutar: a voz do silêncio.
- * Quem vive o momento presente de maneira correta leva em conta o futuro de médio e longo prazo e assume a responsabilidade por eles. Somos responsáveis pelo que virá.
- * A palavra “vida” é sinônimo de “movimento”. Uma mente aberta examina os fatos desde vários pontos de vista antes de tomar uma decisão.
- * Pensar sempre no que há de mais elevado faz com que nasça um bom sentido de orientação diante da vida. O tempo e a energia são usados de modo eficaz quando preservamos um contato sem palavras com a fonte de inspiração interior.
- * Há ensinamentos teosóficos que parecem óbvios, e no entanto são fáceis de esquecer, exigindo uma força de vontade suprema para serem colocados em prática. Um deles afirma: “A verdadeira autoestima é inseparável de um profundo sentimento de boa vontade para com todos. Uma tal boa vontade deve ser complementada por um discernimento severo e um realismo prudente.”
- * O que eu penso deve estar em harmonia com o que digo, sinto, e faço. Pensamentos, ações, emoções e intenções devem ser coerentes entre si, ainda que esta coerência seja certamente humana e imperfeita. Sempre posso melhorar. Devo ser tolerante com os outros, e irradiar a eles incondicionalmente a boa vontade que gostaria que tivessem em relação a mim.
- * O que é bom não é sempre confortável, conforme esclarecem Musônio Rufo e a filosofia esotérica autêntica. Um ditado popular luso-brasileiro ensina: “O que arde cura, o que aperta segura”. De fato, a bem-aventurança é desafiadora: o conhecimento teosófico implica um certo grau de estoicismo e de *tapah*, austeridade.
- * O cumprimento do mais duro e desagradável dever será uma fonte de felicidade eterna, se estivermos conectados, com força suficiente, à nossa alma espiritual.
- * A quantidade de paz externa que há em qualquer tempo na civilização humana é apenas um reflexo do nível de paz que há nos corações. E o mesmo vale para a ausência de paz. Tudo o que ocorre na sociedade, ocorreu antes na mente.
- * Um pequeno número de pessoas ativamente altruístas faz uma diferença decisiva no carma coletivo.[1] A bem-aventurança produzida nos corações dos que buscam a sabedoria pode neutralizar as possibilidades mais graves dos conflitos militares e tornar inviáveis outras formas de ignorância ao redor do mundo.

NOTA:

[1] Um exemplo bíblico do poder sagrado dos Poucos, mencionado por Helena P. Blavatsky em várias das suas obras, pode ser visto em Gênesis, 18: 20-33, e Gênesis, 19 (“Torá, Lei de Moisés”, Sêfer, Editora e Livraria, SP, pp. 44-47.)

Blavatsky e a Necessidade da Pesquisa

Os teosofistas estudam todos os sistemas - e não ensinam nenhum, deixando que cada um pense e busque a verdade por si mesmo.

Nossos membros apenas ajudam uns aos outros no trabalho comum, e cada um de nós está aberto a mudar de convicção, sempre que a provável verdade de qualquer hipótese dada for demonstrada à luz da ciência, da lógica ou da razão modernas. (...) Mas o que nós pedimos, e com a maior ênfase, é que as pessoas estudem, comparem e pensem por si mesmas antes de aceitar definitivamente qualquer testemunho de segunda mão.

[Helena Blavatsky em “Dois Fragmentos Para Meditar”, de Carlos Cardoso Aveline (Ed.)]

000

Novos Textos em Nossos Websites



Reproduzimos a seguir o relatório mensal de www.FilosofiaEsoterica.com e seus websites associados, válido para 09 de Março.

Há quatro itens em francês. Em italiano, são dezenove. O total em espanhol é de **43**. Em inglês, são **606**. Em língua portuguesa **826**. O total nos cinco idiomas é de **1.498** itens, entre eles 29 livros.[1] Os textos incluídos nos websites associados **entre 16 de Fevereiro e 09 de Março** de 2015 são os seguintes:

(Artigos mais recentes acima)

1. A 3,000 Years Esoteric School - Carlos Cardoso Aveline
2. Precepts and Axioms from the East - 4 - Helena P. Blavatsky
3. As Quatro Proteções do Guerreiro - Carlos Cardoso Aveline

